

# Mais de 40 anos de política e poder

GAZETA MERCANTIL

Personalidade forte é marca do senador, que esteve ao lado dos governos desde 1954

por Eliane Cantanhêde  
de Brasília

ACM

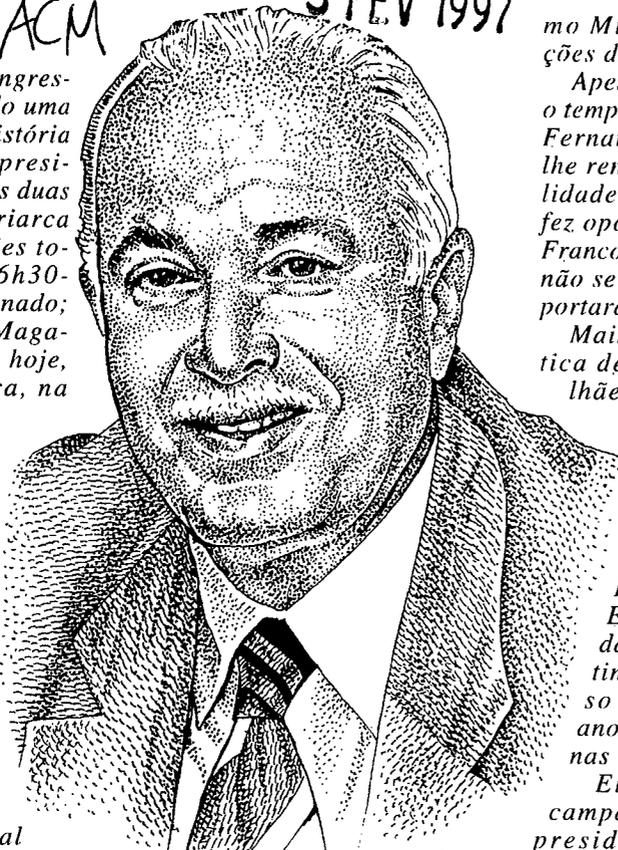
5 FEV 1997

Durante 24 horas, o Congresso Nacional estará vivendo uma coincidência inédita na história republicana: pai e filho presidindo, simultaneamente, as duas casas legislativas. O patriarca Antônio Carlos Magalhães tomou posse, ontem, às 16h30-min, na presidência do Senado; seu filho, Luís Eduardo Magalhães, só será substituído hoje, por volta da mesma hora, na presidência da Câmara.

Esse duplo poder não é surpresa na vida da família, que participa da política nacional há quase cinquenta anos e domina de forma cada vez mais avassaladora a política baiana. E também não é casual. A posse de Antônio Carlos é mais um passo bem estudado para a candidatura de Luís Eduardo à presidência da República, em 2002.

Eleito deputado estadual pela antiga UDN, em 1954, o médico Antônio Carlos Magalhães sempre foi governista, por opção e vocação. Apoiou todos os sucessivos governos do País e em raríssimas ocasiões provou o gostinho de ser oposição. O primeiro presidente de quem ficou amigo foi do PSD, visceral adversário da sua UDN: era Juscelino Kubitschek, a quem visitava tanto no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, quanto no Palácio da Alvorada, já na nova capital.

Desde então, este próximo



Antônio Carlos Magalhães

de todos os presidentes, um a um, e se rompimentos houve, foram sempre em momentos-limite. Em 1994 rompeu com o governo João Figueiredo, já no ocaso do regime militar, e foi a última grande liderança do PDS a aderir à "Frente Liberal" – dissidência que se transformou no PFL e apoiou o pemedebista Tancredo Neves no colégio eleitoral, contra o pedessista Paulo Maluf. Acabou no poderosíssi-

mo Ministério das Comunicações do governo Sarney.

Apesar de ter trabalhado todo o tempo contra o impeachment de Fernando Collor – que até hoje lhe rende homenagens pela fidelidade –, Antônio Carlos nunca fez oposição ao governo Itamar Franco. Os dois não se gostavam, não se aproximaram, mas se suportaram devidamente.

Mais de metade da vida política de Antônio Carlos Magalhães, que completa 70 anos de idade em setembro, foi passada dentro do Executivo, não do Legislativo. Ex-prefeito nomeado de Salvador, três vezes governador da Bahia, ex-presidente da Eletrobrás e ex-ministro das Comunicações, seu último mandato no Congresso acabou em 1970 – 24 anos antes da volta, triunfal, nas eleições de 1994.

Ele já chegou fazendo a campanha de Luís Eduardo à presidência da Câmara em 1995 e engatilhando sua própria eleição à presidência do Senado, neste ano. Sempre fazendo o discurso e conduzindo a ação na defesa do governo Fernando Henrique Cardoso.

O nome dos Magalhães é nacional, mas a força política é sobretudo baiana. Em 1994, não satisfeito em eleger-se como um dos campeões de votos do País, conseguiu um feito invejável: além da Paraíba e de Goiás, onde as bancadas são exclusivamente do PMDB, só a Bahia tem

os três senadores de um mesmo partido – o PFL, é claro. Josaphat Marinho elegeu-se em 1990, ACM e seu ex-secretário de Fazenda, Waldeck Ornellas, quatro anos depois. Na Câmara, 19 dos 39 baianos são do PFL e mais cinco são "agregados", à "bancada do ACM".

Nas eleições municipais do ano passado, o grupo "carlista" fechou definitivamente o cerco. Diante de uma oposição esfacelada – aí reunido o PT, o PSDB local, o PMDB, o centro e a direita não aliada –, conseguiu eleger mais de 350 dos 414 prefeitos do estado e pela primeira vez conquistou a capital, Salvador. Com um detalhe: o candidato eleito, Antônio Imbassahy, é neófito em política mas venceu já no primeiro turno.

"É a paixão pela política". Assim o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) explica todo o sucesso de Antônio Carlos na sua trajetória pública. Mas não é só isso: bom de garfo, de papo e de mando, ACM também mantém rigoroso controle sobre seus seguidores e aterroriza os adversários com rompantes de ira.

No início do ano passado, por exemplo, ameaçou "quebrar a cara" do colega Pedro Simon (PMDB-RS) e dias depois desferiu um soco no rosto de Ney Suassuna (PMDB-PB), que presidia uma sessão no Senado. Acreditavam que, por essas e outras, seu principal inimigo seria a eleição secreta de ontem. Ledo engano. Como nas últimas quatro décadas, ACM continua exatamente onde sempre esteve: no poder.